

Petrônio: quem é, e a que vem

Antônio Teixeira Júnior

Editor de Política do Jornal de Brasília

Petrônio Portela apareceu no cenário político brasileiro em 1967, quando foi eleito senador pelo Piauí. Antes, porém, ele fora governador do seu Estado. Ao assumir o mandato de senador, Portela com bastante inteligência procurou se situar e, por ter sido da UDN, conseguiu aproximação fácil com o vice-presidente Pedro Aleixo e com o então presidente da Arena, senador Daniel Krieger.

Com a influência de Aleixo junto aos senadores, Petrônio Portela, com pouco mais de 40 anos, foi indicado para uma das vice-lideranças do Governo. Lá permaneceu até a morte do senador Filinto Müller, em 1973. Mas, de 67 a 1972, ele foi presidente da Comissão de Justiça, quando Milton Campos preferiu renunciar por discordar de algumas pressões à época do AI-5. E, indicado por Müller, chegou à presidência do Senado.

O presidente Médici, em 1972, indicou o senador Filinto Müller para organizar a Arena. Nesta ocasião, Portela foi incluído no Diretório Nacional, como vice-presidente. A queda do Boeing nas proximidades de Paris, matando Müller, deu oportunidade ao representante piauiense de chegar, em um momento dos mais difíceis, à chefia do partido governista.

As relações do Congresso com o Palácio do Planalto eram as piores. O ministro Leitão de

Abreu exigia, às vezes, 24 horas para que fossem votadas matérias importantíssimas e, era, justamenté, este tipo de ação que Portela desempenhava com a maior tranqüilidade. A partir de setembro, quando começou a freqüentar o escritório do Largo da Misericórdia, antigo escritório do general Geisel, no Rio, antes de assumir a Presidência da República, Portela timidamente tratava de assuntos políticos, sempre colocando frases de efeito em meio a elogios pomposos.

Pouco antes da posse do general Geisel, o presidente da Arena já era um líder com maior desenvoltura em relação ao atual Governo e anunciava o início de sua missão de coordenar a escolha dos futuros governadores. Fez o trabalho, desgastou o partido na maioria dos estados, mas prestou mais um serviço. E, assim, saiu-se vitorioso.

Com o término da Missão Portela, o senador do Piauí, começou uma série de ataques à Oposição. No início o presidente do MDB, deputado Ulysses Guimarães, ainda tentou responder. Entretanto, desistiu nos ataques posteriores, porque segundo disse à imprensa, teria sido procurado por um senador da Arena, com a seguinte alegação: "Ulysses, não ligue para o Petrônio. Ele precisa aparecer".

Logo depois da morte de Müller, um prussiano, chefe de polícia no Estado Novo, Portela procurou aproximar-se de duas figuras importantes no Congresso: Daniel Krieger, no Senado e Djalma Marinho, na Câmara. Os dois velhos e respeitados políticos, começaram, com suas amizades a fazer um trabalho em defesa de Portela, quando os "Filintos boys", jovens parlamentares colocados em cargos importantes por Müller queriam ficar com a chefia do partido.

Marinho e Krieger - principalmente - foram duas vítimas de Filinto Müller que, de toda maneira, procurou diminuir a influência dos dois nos meios parlamentares. Petrônio Portela, um dos amigos de Müller, e sabedor de todas as gestões de Müller, sendo, inclusive, executor de algumas delas, conseguiu uma grande saída para seu problema pessoal.

Até hoje, tanto de Marinho como de Daniel Krieger, Portela recebe os maiores elogios. Inclusive, recentemente, conseguiu que Daniel Krieger, fugindo de suas tradições de respeito à Instituição, de Porto Alegre aceitasse a indicação do senador Helvidio Nunes, relator do nome do almirante Faria Lima e que a Comissão de Justiça, da qual é presidente, dispensasse o supergovernador da sabatina, exigida por Lei.